

“Proposta inibe os investimentos”

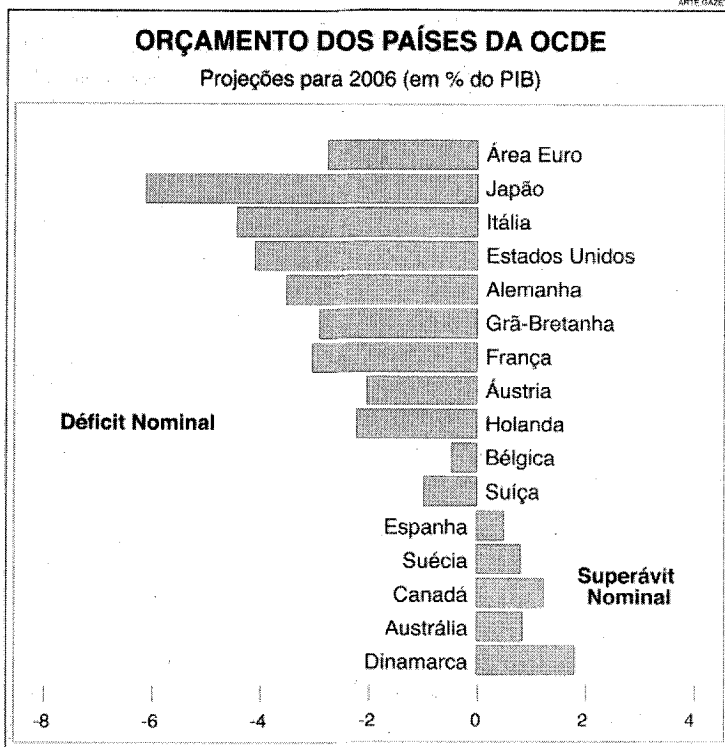
Estudo do Ciesp diz que arrocho fiscal e monetário deixa o Brasil no “pior dos mundos”

DIMALICE NUNES E SANDRA NASCIMENTO
SÃO PAULO

A proposta de zerar o déficit nominal traz riscos excessivos para o setor produtivo, na avaliação do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp). Segundo estudo elaborado pela entidade, seria uma medida contracionista que se somaria a outras, especialmente aos juros altos. “O arrocho fiscal, somado ao monetário, nos deixaria no pior dos mundos, uma vez que essa combinação impediria a expansão do investimento e do consumo, sem nenhum benefício concreto para o setor produtivo do país.”

O trabalho, sob a coordenação do presidente do Ciesp, Claudio Vaz, e do diretor do departamento de economia do centro, Boris Tabacof, reconhece o uso do déficit fiscal como instrumento válido para a dinâmica econômica, “mas desde que haja condições para isso”. O texto rebate diversos pontos da proposta defendida pelo deputado Delfim Netto (PP-SP). “A opção pelo déficit zero é longa e duvidosa. Não estamos preocupados com 2009 e sim com 2005 e 2006”, disse Tabacof. Outro argumento é que o déficit zero não necessariamente reduziria os juros e, isso sim, é condição básica para alavancar os investimentos privados e desenvolver a economia.

O documento traz ainda um ranking do déficit nominal no mundo, apontando que a maioria dos países desenvolvidos mantém o déficit entre 3% e 6% do Produto Interno Bruto (PIB). “Déficit não é pecado e sim uma forma de, em boas condições, obter recursos para investimentos públicos.” O pensamento do Ciesp se mostrou em linha com



Fonte: OCDE, elaboração Ciesp

as opiniões do ministro da Fazenda, Antonio Palocci. O ministro afirmou que não trabalha com déficit zero, mas o governo tem a preocupação constante de reduzir os gastos públicos.

DEFLAÇÃO E JUROS

Para Tabacof, a deflação registrada no último mês por praticamente todos os índices de preços, é uma importante chance do Banco Central (BC) reduzir os juros. “O remédio fez efeito, mas agora virou veneno”, disse.

Para Tabacof, ainda é cedo para dizer que a deflação se instalou no País. No entanto, na sua opinião, um quadro de deflação é mais prejudicial para o setor produtivo que a inflação. “Ninguém vai produzir com prejuízo. Investir nem pensar.”, afirmou.

A deflação é um dos tópicos analisados pelo documento divulgado ontem pelo Ciesp. O texto afirma que, como não há nenhuma garantia para a queda da taxa de juros em decorrência do déficit zero, num cenário de aumento do arrocho fiscal, juros altos e preços em queda, a deflação poderia ser agravada. “Nesse caso, a desvalorização dos ati-

vos, provocada pela retração dos preços, conduz os agentes a adotarem um comportamento defensivo, que se traduz na busca da defesa de seus ativos.”

Os economistas do Ciesp defendem como melhor estratégia para o país uma redução imedia-

ta da taxa de juros. Dependendo do tamanho da redução da taxa Selic, seria possível alcançar uma economia com as despesas financeiras do governo da ordem de 3% do PIB, o equivalente ao tamanho do déficit nominal brasileiro. Um dos principais objetivos da indústria é a redução da carga tributária e, diz o estudo do Ciesp, se a proposição do déficit zero vingar, essa meta estaria inviabilizada, uma vez que o governo precisará manter a carga no nível atual para sustentar o superávit primário requerido.

Medidas de desoneração da produção e dos investimentos, a exemplo daquelas incluídas na MP do Bem, avançam na direção desejada pelo setor industrial. Espera-se que novas medidas reforcem essa direção, como por exemplo, o reconhecimento e o pagamento dos créditos tributários do ICMS.

“A indústria defende um choque de investimentos. Enquanto não houver esforços, público e privado, para que a taxa de investimento atinja, no mínimo, 25% do PIB, dificilmente o crescimento de 5% se tornará realidade.”